

**MINISTÉRIO DA DEFESA  
COMANDO DA AERONÁUTICA**



**INFANTARIA DA AERONÁUTICA**

**MCA 125-15**

**POSTO DE SEGURANÇA ESTÁTICO**

**2022**

**MINISTÉRIO DA DEFESA**  
**COMANDO DA AERONÁUTICA**  
COMANDO DE PREPARO



**INFANTARIA DA AERONÁUTICA**

**MCA 125-15**

**POSTO DE SEGURANÇA ESTÁTICO**

**2022**



**MINISTÉRIO DA DEFESA**  
**COMANDO DA AERONÁUTICA**  
**COMANDO DE PREPARO**

PORTARIA COMPREP Nº 744/SPOG-33, DE 7 DE FEVEREIRO DE 2022.  
Protocolo COMAER nº 67200.000717/2022-90

Aprova o MCA 125-15 “POSTO DE  
SEGURANÇA ESTÁTICO (PSE)”.

**O COMANDANTE DO COMPREP**, no uso de suas atribuições e de acordo com o Artigo 9º, inciso I do ROCA 20-13, "Regulamento do Comando de Preparo", aprovado pela Portaria nº 1.799/GC3, de 7 de novembro de 2018, publicada no Boletim do Comando da Aeronáutica nº 198, de 13 de novembro de 2018, resolve:

**Art. 1º** Aprovar o MCA 125-15 “Posto de Segurança Estático (PSE)”, que com esta baixa.

**Art. 2º** Esta Portaria entra em vigor na data de sua publicação.

Ten Brig Ar SERGIO ROBERTO DE ALMEIDA  
Cmt do COMPREP

*Asas que protegem o País*



(Publicado no BCA nº 029, de 10 de fevereiro de 2022)



## SUMÁRIO

<b>1 DISPOSIÇÕES PRELIMINARES .....</b>	<b>9</b>
1.1 <u>FINALIDADE</u> .....	9
1.2 <u>CONCEITUAÇÃO</u> .....	9
1.3 <u>ÂMBITO</u> .....	9
<b>2 CONSIDERAÇÕES GERAIS .....</b>	<b>10</b>
2.1 <u>PRIORIDADE DE EMPREGO DE MEIOS</u> .....	10
2.2 <u>GRAUS DE PROTEÇÃO</u> .....	11
<b>3 POSTO DE SEGURANÇA ESTÁTICO .....</b>	<b>12</b>
3.1 <u>GENERALIDADES</u> .....	12
3.2 <u>CONDUÇÃO DA OPERAÇÃO</u> .....	12
3.3 <u>ORGANIZAÇÃO</u> .....	21
3.4 <u>APOIO À OPERAÇÃO</u> .....	21
3.5 <u>MATERIAL A SER UTILIZADO NO PSE</u> .....	21
<b>4 DISPOSIÇÕES FINAIS.....</b>	<b>25</b>
<b>REFERÊNCIAS .....</b>	<b>26</b>
<b>ANEXO A - EXEMPLO DE UM PSE EM INSTALAÇÕES DE CAMPANHA .....</b>	<b>27</b>
<b>ANEXO B - EXEMPLO DE UM PSE EM UM DESTACAMENTO DE     CONTROLE DO ESPAÇO AÉREO (DTCEA).....</b>	<b>28</b>
<b>ANEXO C - EXEMPLO DE UM PSE EM UM AERÓDROMO DE     DESDOBRAMENTO .....</b>	<b>29</b>



## PREFÁCIO

Segundo o Guia de Referência para a Segurança das Infraestruturas Críticas (IEC) da Informação, do Gabinete de Segurança Institucional da Presidência da República, Infraestruturas Críticas são *“instalações, serviços e bens que, se forem interrompidos ou destruídos, provocarão sério impacto social, econômico, político, internacional ou à segurança nacional”*.

Nesse contexto, o presente manual, em sua edição original, com o título Proteção de Infraestruturas Críticas de Interesse Aeroespacial, abordava o emprego das táticas, técnicas e procedimentos (TTP) de Posto de Segurança Estático (PSE) em prol da preservação daquelas instalações.

É oportuno observar, entretanto, que o emprego das TTP de PSE extrapolam a proteção de IEC, podendo ser aplicadas na proteção ou defesa de pontos atribuídos à reponsabilidade da tropa, seja no contexto da preservação dos meios de Força Aérea ou de uma Operação de Garantia da Lei e da Ordem, esta última, quando legalmente instituída.

O planejamento e atuação da Tropa de Infantaria da Aeronáutica nesse tipo de missão se revestem de grande complexidade, de forma que não seria possível abranger todas as situações numa única publicação. Assim sendo, este Manual deve ser entendido como um orientador das linhas gerais a serem tomadas para ativação de um PSE.





## **1 DISPOSIÇÕES PRELIMINARES**

### **1.1 FINALIDADE**

A presente Instrução tem por finalidade estabelecer as táticas, técnicas e procedimentos para operação de um Posto de Segurança Estático (PSE).

### **1.2 CONCEITUAÇÃO**

Os termos empregados neste manual, tem seu significado estabelecido em conformidade com o vernáculo consagrado na DCA 1-1 DOCTRINA BÁSICA DA FORÇA AÉREA BRASILEIRA, no MD35-G-01 GLOSSÁRIO DAS FORÇAS ARMADAS, no MCA 10-4 GLOSSÁRIO DA AERONÁUTICA ou como definido a seguir:

#### **1.2.1 AÇÃO OU ATAQUE A DISTÂNCIA**

Ataque, direto ou indireto, realizado com arma de fogo a partir de posição situada além do perímetro defensivo. Morteiros, foguetes, armas anticarro (AC), mísseis antiaéreos portáteis, fuzis de precisão e demais armas de fogo de pequeno calibre compõem o possível arsenal para estes ataques. Também denominado ataque *standoff*.

#### **1.2.2 INFRAESTRUTURAS CRÍTICAS**

Instalações, bens, sistemas ou serviços essenciais, que, se forem total ou parcialmente interrompidos ou destruídos, poderão provocar impactos sociais, ambientais, econômicos, políticos, internacionais ou à segurança do Estado e da Sociedade. Também denominadas Estruturas Estratégicas ou Pontos Sensíveis.

#### **1.2.3 PONTO FORTE**

Posição defensiva, na qual se estabelece um dispositivo de defesa circular, com trabalhos de fortificação de campanha, construção de obstáculos antipessoal e anticarro e emprego de armamento coletivo de tiro direto e indireto.

### **1.3 ÂMBITO**

A presente publicação aplica-se a todas as Organizações Militares (OM) do Comando da Aeronáutica (COMAER).

## **2 CONSIDERAÇÕES GERAIS**

As táticas, técnicas e procedimentos (TTP) de PSE podem ser aplicadas na defesa de pontos de diferentes naturezas. Nesse contexto, as tropas de infantaria da aeronáutica se encarregam, tipicamente, da proteção de IEC de interesse aeroespacial, dentre as quais se incluem aquelas relacionadas ao sistema de defesa aeroespacial brasileiro (SISDABRA) e ao sistema de controle do espaço aéreo brasileiro (SISCEAB).

As IEC do SISDABRA e do SISCEAB abrangem centros de comando e controle, bases aéreas, aeródromos de desdobramento, rodopistas, destacamentos de controle do espaço aéreo, sítios de desdobramento de radares móveis, sítios de antenas isolados, dentre outros.

Eventualmente, observados os preceitos legais, a força aérea poderá atuar na proteção de outras infraestruturas críticas que não sejam de interesse aeroespacial, em colaboração com as demais forças armadas.

### **2.1 PRIORIDADE DE EMPREGO DE MEIOS**

#### **2.1.1 INFRAESTRUTURAS CRÍTICAS MILITARES**

**2.1.1.1** As instalações militares permanentes, normalmente, possuem uma equipe de serviço que provê a sua segurança, podendo demandar por reforço, quando da escalada da crise ou da perturbação da ordem pública.

**2.1.1.2** Aeródromos de desdobramento, sítios de desdobramento de radares móveis, rodopistas e outras instalações militares semipermanentes ou temporárias requerem ser ocupados e protegidos para garantir o seu funcionamento e a integridade dos meios de Força Aérea para ali deslocados.

**2.1.1.3** Os auxílios à navegação aérea, sob responsabilidade da Aeronáutica, localizados dentro ou fora dos sítios aeroportuários civis, raramente possuem uma equipe de serviço para prover a sua segurança. A segurança dessas instalações, geralmente, é proporcionada por medidas de segurança física como barreiras perimetrais, trancas, iluminação de proteção, alarmes e vigilância eletrônica. De acordo com a escalada da crise, estas instalações podem requerer o emprego de tropa para garantia de sua integridade e funcionamento.

**2.1.1.4** É evidente que a quantidade de IEC a serem protegidas ultrapassa a disponibilidade inicial de recursos humanos e materiais para tal. Assim, para um emprego racional dos meios, as IEC devem ser relacionadas por ordem de importância para o sistema ao qual pertencem, levando em conta também as capacidades de redundância e de recuperação.

#### **2.1.2 INFRAESTRUTURAS CRÍTICAS CIVIS**

**2.1.2.1** As IEC civis são protegidas, na situação de normalidade, por serviços de segurança patrimonial privada, terceirizados ou orgânicos da sua própria administração. Quando da escalada da situação de crise ou de perturbação da ordem pública, cabe ao serviço de segurança patrimonial privada, em primeira instância, incrementar as medidas de proteção para prevenir a interrupção de serviços ou a destruição de instalações, bens e sistemas.

**2.1.2.2** Na ausência ou insuficiência dos serviços de segurança patrimonial privada, ou agravamento da crise ou perturbação da ordem pública, cabe aos Órgãos de Segurança e

Ordem Pública (OSOP) locais reforçar ou substituir aqueles, além de executar e reforçar as suas respectivas ações de Segurança Pública em prol da Infraestrutura Crítica protegida.

**2.1.2.3** Somente mediante o esgotamento ou a insuficiência dos OSP e determinação do Presidente da República para o emprego das Forças Armadas na garantia da lei e da ordem, o Comando da Aeronáutica poderá prover a proteção de IEC civis, tipicamente as Infraestruturas Aeroportuárias e de Controle do Espaço Aéreo.

## **2.2 GRAUS DE PROTEÇÃO**

De acordo com a disponibilidade de meios e com os níveis de ameaça identificados, as IEC podem receber três diferentes graus de proteção: MONITORAR, VIGIAR e PROTEGER. A reclassificação do grau de proteção ocorrerá quando a disponibilidade de meios, a importância, as capacidades de redundância e de recuperação das IEC e a avaliação da situação variarem.

### **2.2.1 MONITORAR**

Corresponde ao sensoriamento das condições de segurança e dos níveis de ameaça, mediante ligação continuada com os órgãos responsáveis pela operação da IEC e participação ativa dos elos de inteligência. Visa a manter atualizada a consciência situacional e permitir a oportuna evolução para outros graus de proteção, se necessário.

### **2.2.2 VIGIAR**

Consiste em proporcionar segurança a determinada IEC, por meio do estabelecimento de patrulhas, postos de observação e vigilância, com emprego ou não de sistemas eletrônicos. O dispositivo tático deve ser capaz de detectar e anular as ameaças antes que o elemento adverso alcance posição que coloque a IEC dentro do raio de ação dos seus instrumentos.

### **2.2.3 PROTEGER**

**2.2.3.1** Ação ou conjunto de ações táticas, realizada por elemento de tropa de valor compatível, que proporciona segurança a determinada IEC. É realizada pela ocupação e defesa da Infraestrutura de forma a impedir a observação terrestre, o fogo direto e o ataque surpresa que representem ameaça ao patrimônio e ao funcionamento da IEC.

**2.2.3.2** Na operação militar relacionada ao grau PROTEGER, empregam-se as TTP de Posto de Segurança Estático (PSE) para garantir a preservação da IEC e assegurar o seu funcionamento.

### **3 POSTO DE SEGURANÇA ESTÁTICO**

#### **3.1 GENERALIDADES**

**3.1.1** O estabelecimento de um PSE não se destina a operar a instalação defendida, mas somente à garantia da integridade das instalações e da liberdade de acesso aos seus operadores.

**3.1.2** O PSE é aplicável para a segurança e defesa de infraestruturas críticas quando do emprego das forças armadas em operações de não-guerra ou nas operações de guerra na zona do interior.

**3.1.3** No teatro de operações, as TTP utilizadas para proteção de IEC são as de autodefesa de superfície, podendo chegar até a constituir um ponto forte.

**3.1.4** No estado democrático de direito, uma instalação civil só pode ser ocupada por uma força militar quando as forças armadas estiverem sendo empregadas na garantia da lei e da ordem, por decisão presidencial.

**3.1.5** Nos aeroportos de 1a ou 2a categoria<sup>1</sup>, a ativação de um PSE refletirá no retardamento das operações desenvolvidas na instalação, afetando o cotidiano da população local. Antes dessa medida extrema, mediante o esgotamento ou a insuficiência da segurança patrimonial privada e/ou dos OSP, deve-se suprir com a força militar os postos que deveriam estar mobiliados por tais agentes. O incremento do esquema de segurança previsto no Programa de Segurança Aeroportuária (PSA) do respectivo aeroporto – aumento de postos, de patrulhas, de homens por postos ou por patrulhas, instalação da força de pronta resposta no aeroporto etc. – só deve ocorrer quando identificada a iminência ou a ocorrência de ações hostis contra a instalação aeroportuária.

#### **3.2 CONDUÇÃO DA OPERAÇÃO**

O estabelecimento de um PSE se desenvolve em cinco fases:

- a) Fase 1: Planejamento e Preparação;
- b) Fase 2: Deslocamento;
- c) Fase 3: Ocupação;
- d) Fase 4: Operação; e
- e) Fase 5: Desativação.

##### **3.2.1 PLANEJAMENTO E PREPARAÇÃO**

O planejamento e a preparação para a operação de um PSE, tal como a maioria das operações conduzidas no nível pelotão ou companhia, são divididos nas seguintes etapas:

- a) recebimento da missão
- b) planejamento preliminar;

---

<sup>1</sup> Conforme classificação fixada pela Portaria ANAC nº 3457/SIA/SRE, de 27 de dezembro de 2013.

- c) emissão da Ordem Preparatória;
- d) coordenação e reconhecimento;
- e) planejamento detalhado;
- f) emissão da Ordem de Operações;
- g) inspeção inicial;
- h) ensaios; e
- i) inspeção fina

#### **3.2.1.1 Recebimento da Missão**

Durante o recebimento da missão, o comandante do PSE deve esclarecer suas dúvidas, inteirar-se dos meios disponíveis para a execução da missão e solicitar os dados e informações complementares que julgue importantes para o seu planejamento.

#### **3.2.1.2 Planejamento Preliminar**

No planejamento preliminar, o comandante do PSE deverá:

- a) analisar de forma sumária a missão;
- b) planejar a utilização do tempo (elaboração do quadro horário);
- c) efetuar o exame de situação preliminar;
- d) orientar a organização da tropa (emissão do quadro de organização de pessoal e material);
- e) identificar os aspectos a serem coordenados; e
- f) planejar o reconhecimento.

#### **3.2.1.3 Análise Sumária da Missão**

O Comandante do PSE busca definir a Tarefa - QUEM FAZ, O QUE FAZER, QUANDO FAZER e ONDE FAZER - e o propósito da missão - PORQUE FAZER.

#### **3.2.1.4 Quadro Horário**

O Quadro Horário deve ser elaborado do momento "QUANDO FAZER" para o momento atual (processo de planejamento para trás). Nas operações de PSE, o momento "QUANDO FAZER", normalmente, será a data e hora a partir de quando o PSE deverá estar ativado.

#### **3.2.1.5 Exame de Situação Preliminar**

**3.2.1.5.1** A metodologia para o exame de situação preliminar é a mesma do exame de situação detalhado. A diferença está em que o Exm Sit preliminar objetiva uma concepção inicial da operação, com o conhecimento disponível no momento e que lhe permita organizar o pessoal e o material para a operação.

**3.2.1.5.2** O exame de situação aborda a seguinte sequência de fases:

- a) análise da missão;

- b) análise da situação;
- c) concepção das possibilidades da força adversa, das Linhas de Ação (LA) e confronto entre elas;
- d) comparação das LA;
- e) decisão; e
- f) concepção da operação.

**3.2.1.5.3** A análise da missão deve considerar as ações atribuídas (verbos da missão) e as deduzidas (ações não explicitadas pelo escalão superior, mas necessárias ao cumprimento da missão). O comandante deve fazer um "quadro mental" de como executar as ações atribuídas e as deduzidas. Esse "quadro mental" é denominado Concepção da Operação. Na análise da missão devem ser consideradas a finalidade e o funcionamento da IEC.

**3.2.1.5.4** A situação é composta pelo conhecimento disponível sobre a força adversa, o terreno, as condições meteorológicas (clima e luminosidade), os meios e o tempo disponíveis para ativação do PSE e os aspectos relativos à população local.

**3.2.1.5.5** As LA devem ser tão mais detalhadas quanto mais importante e complexa for a IEC protegida e maior for o tempo disponível para o planejamento.

Os seguintes aspectos, também, devem ser analisados no exame de situação:

- a) a possibilidade de um reconhecimento detalhado in loco da IEC;
- b) tipo, importância, finalidade e características gerais da IEC (área urbana ou rural, localização em relação às ameaças, distância para a instalação aeronáutica mais próxima);
- c) priorização dos pontos críticos da IEC;
- d) levantamento do pessoal, equipamento, armamento e munição necessários à operação;
- e) meio de transporte mais adequado disponível para o deslocamento da força que conduzirá o PSE;
- f) itinerário de ida e volta até a IEC, com previsão de itinerários alternativos;
- g) pontos críticos no itinerário (locais de maior grau de ameaça);
- h) táticas de ação imediata (TAI) para emboscada ao comboio;
- i) necessidade de ocupação das vias de acesso à IEC;
- j) locais adequados para colocação de obstáculos;
- k) previsão de escalonamento de obstáculos em profundidade;
- l) previsão de agravamento de obstáculos;
- m) local de estacionamento para as viaturas da força militar que conduzirá o PSE, se for o caso;
- n) divisão dos grupos e dispositivo a ser adotado;
- o) localização e emprego da Força de Pronto Resposta (FPR);
- p) pontos com comando sobre a IEC (pontos dominantes do terreno);

- q) previsão de emprego de Atiradores Táticos de Precisão (ATP) a partir de posições elevadas;
- r) comunicação e ligação com os escalões superior e subordinados;
- s) sistema de alarme;
- t) redução do número de pontos de controle de acesso (PCA) à IEC ao mínimo possível;
- u) metodologia empregada no controle do acesso à IEC;
- v) necessidades para prevenção e combate a incêndios;
- w) protocolo para evacuação de feridos;
- x) suprimento inicial e ressurgimento de Classes I (alimentação), III (combustíveis e lubrificantes) e V (armamento e munição);
- y) medidas especiais para horários de baixa visibilidade;
- z) descanso da tropa;
- aa) medidas de higiene da tropa;
- bb) plano de carregamento; e
- cc) plano de embarque.

#### **3.2.1.6 Quadro de Organização de Pessoal e Material (QOPM)**

O QOPM é uma tabela com os componentes da força designada para ativar o PSE, a função de cada um, o equipamento individual e coletivo sob responsabilidade de cada indivíduo.

#### **3.2.1.7 Definição das Coordenações**

A coordenação é um ato contínuo através de toda fase de planejamento e preparação da operação dentre outros. São aspectos a serem coordenados:

- a) frequências, indicativos, autenticações, prescrições e códigos rádio, para contato com o escalão superior e com outras forças na área de operações;
- b) forma de ressurgimento das diversas Classes, principalmente itens das Classes I, III e V;
- c) situação dos itinerários (ações recentes ou atuais da Força Adversa, trafegabilidade das vias, trânsito, etc.); e
- d) pontos de contatos com os Órgãos de Segurança e Ordem Pública (OSOP) e outras agências locais, informando da operação e solicitando outros conhecimentos.

#### **3.2.1.8 Planejamento do Reconhecimento**

**3.2.1.8.1** Se for possível o reconhecimento "no terreno", devem ser elaborados um Quadro Horário e um QOPM específicos para a atividade, bem como O QUE RECONHECER e DE ONDE RECONHECER. Também deve ser previsto um plano de comunicações específico para o reconhecimento.

**3.2.1.8.2** Mesmo quando só for possível realizar o reconhecimento por imagens, deverá ser definido pelo comandante do PSE quem o acompanhará e o tempo destinado a essa atividade.

#### **3.2.1.9** Emissão da Ordem Preparatória

**3.2.1.9.1** É o comandante do PSE quem emite a Ordem Preparatória (O Prep) para a força ao seu comando. Nela, ele orienta o aprestamento individual e coletivo de seus homens para o cumprimento da missão. A O Prep é, normalmente, emitida oralmente e com toda a força reunida.

**3.2.1.9.2** Na emissão da O Prep é informada a situação, a missão, o QOPM, o quadro horário, os principais aspectos do reconhecimento, o plano de comunicações e a cadeia de comando. Deve ser efetuado, ainda, o acerto de relógios.

#### **3.2.1.10** Coordenação e Reconhecimento

**3.2.1.10.1** Sempre que possível, as coordenações deverão ser realizadas pessoalmente, evitando o emprego de meios de comunicação. Este procedimento gera um maior comprometimento entre as partes e confere maior confiabilidade às informações, além de maior garantia aos apoios necessários.

**3.2.1.10.2** É pelo reconhecimento que o comandante do PSE verifica a viabilidade da sua Concepção da Operação. O ideal é que o comandante efetue o reconhecimento "no terreno" indo à IEC com seus comandantes subordinados. Quando isso não for possível, poderá fazê-lo por meio da análise de cartas, croquis e/ou imagens aéreas da IEC e suas cercanias.

#### **3.2.1.11** Planejamento Detalhado

**3.2.1.11.1** Baseado no conhecimento coletado na coordenação e no reconhecimento, o comandante do PSE ratifica ou retifica e detalha o seu planejamento. Ele visualiza mentalmente todo o desenrolar da operação, da partida ao regresso, buscando prever todos os detalhes de execução, administrativos, logísticos e de comunicação.

**3.2.1.11.2** O princípio da simplicidade deve ser o norteador de todo o planejamento do PSE, objetivando planos e ordens claros e concisos.

#### **3.2.1.12** Emissão da Ordem de Operações

**3.2.1.12.1** É o comandante do PSE quem emite a Ordem de Operações (O Op) para a força militar ao seu comando.

**3.2.1.12.2** O extensivo uso de modelos de terreno (caixões-de-areia), croquis, murais, cartas (com calcos), quadros e meios de TI servem para ilustrar a Concepção da Operação. Na falta de meios auxiliares, esquemas para apresentar as ações planejadas podem ser desenhados na areia, na terra ou na poeira.

**3.2.1.12.3** A O Op deve ser emitida oralmente e para toda a força militar encarregada do PSE. Os membros do PSE devem fazer anotações, mas necessitam guardar suas perguntas até que a ordem tenha sido paga por completo. Isto previne a interrupção na linha de pensamento do comandante do PSE.



**3.2.1.12.4** A O Op deve conter: a situação (forças adversas, forças amigas e ambiente operacional); a missão; o conceito da operação; as tarefas de cada escalão subordinado; prescrições operacionais diversas (plano de carregamento e embarque do comboio, dispositivo de segurança durante o deslocamento, nas áreas perigosas e nos altos, táticas de ação imediata para emboscadas e outras situações adversas); prescrições administrativas e logísticas.

**3.2.1.12.5** Tanto a O Prep quanto a O Op devem ser emitidas em uma linguagem clara e inteligível, de modo que todos os homens entendam.

### **3.2.1.13** Inspeções e Ensaios

**3.2.1.13.1** As inspeções e ensaios são vitais. Eles são realizados independente da experiência dos homens. A extensão dos ensaios e inspeções dependerá do tempo disponível, da complexidade da missão e da experiência dos homens.

**3.2.1.13.2** A inspeção inicial, realizada antes dos ensaios, assegura que o equipamento necessário esteja presente e funcionando perfeitamente; que cada homem compreendeu sua parte na missão e que nenhum homem está levando itens pessoais não autorizados.

**3.2.1.13.3** As inspeções são feitas pelo Comandante do PSE, acompanhado do segundo em comando.

**3.2.1.13.4** A inspeção final deve ser feita pouco antes da partida, para assegurar que as falhas observadas da inspeção anterior foram corrigidas. Nesta inspeção todos os equipamentos são testados (armamento, equipamento de comunicações, etc.).

**3.2.1.13.5** Os ensaios auxiliam a assegurar a proficiência do PSE. Eles permitem ao comandante checar os planos e realizar as mudanças necessárias e verificar a adequabilidade do equipamento. É através de ensaios bem dirigidos que os homens se familiarizam com as ações que realizarão durante a operação.

**3.2.1.13.6** O segundo em comando coordena o ensaio, enquanto o comandante observa e, após cada "passada", faz as suas críticas.

## **3.2.2** DESLOCAMENTO PARA O LOCAL DO PSE

**3.2.2.1** O comandante do PSE deve buscar junto ao escalão superior o meio de transporte mais adequado disponível.

**3.2.2.2** O comandante deslocará sua tropa pelo itinerário principal determinado no planejamento, mantendo o acompanhamento na carta (imagem aérea, sistema de posicionamento global etc.), de modo a ser capaz de alterná-lo se a situação o exigir.

**3.2.2.3** Devem ser colocados vigias nas viaturas, de modo a manter a segurança em todas as direções, durante o deslocamento.

**3.2.2.4** Nas áreas e pontos perigosos do itinerário, o comandante deverá determinar, conforme ensaiado durante a preparação, a assunção do dispositivo de segurança para transpô-lo.

**3.2.2.5** A tropa deve estar pronta a aplicar as TAI de contra emboscada, durante todo o itinerário.

### **3.2.3 OCUPAÇÃO DO PSE**

**3.2.3.1** Ao chegar ao local, o Comandante do PSE deve determinar que a tropa estacione em área adequada e estabeleça dispositivo para sua auto segurança em todas as direções (360°), sob coordenação do segundo em comando.

**3.2.3.2** O Comandante deve efetuar o contato pessoal com o responsável pela instalação a ser protegida, informando sua missão e solicitando a divulgação daquilo que for aplicável ao efetivo da instalação, a fim de buscar a colaboração de todos.

**3.2.3.3** Um reconhecimento da instalação deve ser realizado pelo comandante do PSE e seus comandantes subordinados acompanhados do responsável pela segurança da referida instalação. Após o reconhecimento, o comandante do PSE ratificará ou retificará o seu planejamento, junto com seus comandantes subordinados, e determinará a ocupação de acordo com o esquema de segurança e defesa decidido. A princípio a segurança orgânica da instalação não deve ser dispensada e sim integrada ao esquema de segurança e defesa.

**3.2.3.4** A operação do PSE inclui a ocupação da instalação, o estabelecimento de postos de controle de acesso e de sentinelas, a execução de patrulhas de segurança nas áreas internas e perímetro externo e a constituição de um Força de Pronto-Resposta (FPR).

### **3.2.4 OPERAÇÃO**

#### **3.2.4.1 Controle de Acesso**

**3.2.4.1.1** Não havendo uma barreira perimetral definindo a área patrimonial/operacional da instalação, sempre que possível, deverão ser lançadas barreiras perimetrais temporárias, com placas informando “ÁREA RESTRITA - ACESSO PERMITIDO SOMENTE A PESSOAS AUTORIZADAS - DIRIJA-SE AO POSTO DE IDENTIFICAÇÃO”.

**3.2.4.1.2** A instalação de barreiras e obstáculos ficará sujeita à disponibilidade de meios e de tempo e a seu impacto nas atividades desenvolvidas na instalação protegida. Barreiras construídas com concertinas triplas são de rápida instalação, mas requerem sinalização informando “CUIDADO - RISCO DE FERIMENTOS”.

**3.2.4.1.3** O grau de segurança oferecido pelas barreiras temporárias é inferior ao das barreiras permanentes. Assim, é necessária a vigilância desempenhada por sentinelas, patrulhas ou meios eletrônicos, para garantir sua eficiência.

**3.2.4.1.4** Recursos de tecnologia da informação poderão ser empregados como meios facilitadores para o cadastramento, a identificação, o registro e a autenticação de crachás e identidades.

**3.2.4.1.5** A quantidade de pontos de acesso à instalação protegida deve se limitar ao mínimo necessário ao seu adequado funcionamento. Sempre que possível, restringir-se-á a um único ponto. Em cada ponto de acesso deve ser estabelecido um Posto de Bloqueio e Controle de Via (PBCV), de acordo com as TTP preconizadas em manual específico, a fim de que sejam possíveis as medidas de controle de acesso para pedestres e veículos (passes, cartões de identificação, lista de acesso, etc.).

**3.2.4.1.6** Se possível, os veículos particulares do efetivo das instalações deverão ser estacionados em área externa.

**3.2.4.1.7** Os PBCV permanentes ou semipermanentes requerem, quando possível, abrigos e fortificações.

#### **3.2.4.2** Postos de Sentinelas

**3.2.4.2.1** Para a proteção das sentinelas e garantia de melhores campos de observação, sempre que possível, deve-se empregar abrigos e fortificações na forma de torres de observação.

**3.2.4.2.2** Quando não for possível utilizar-se de fortificações para as sentinelas, deve-se prever modificações frequentes no seu posicionamento, para dificultar as ações da força adversa.

**3.2.4.2.3** A limpeza dos campos de observação e das áreas internas da instalação favorece a vigilância do perímetro e dos pontos críticos da instalação.

**3.2.4.2.4** Sistemas de vigilância eletrônica, quando disponíveis, podem substituir as sentinelas em determinados setores da instalação ou em toda ela, quando a situação tática permitir.

**3.2.4.2.5** As sentinelas devem ter contato rádio ou fio com o posto de comando do PSE para poder dar o alarme em casos de emergência.

**3.2.4.2.6** Quando não for possível vigiar todo o perímetro permanentemente, patrulhas devem ser lançadas com a frequência determinada no exame de situação e os pontos críticos prioritários devem ter sua vigilância incrementada.

#### **3.2.4.3** Patrulhas

**3.2.4.3.1** Patrulhas internas são lançadas para realizar a ligação entre os sistemas de proteção dos pontos críticos da instalação protegida, buscar objetos suspeitos e estranhos ao ambiente patrulhado e manter a vigilância sobre o público interno e externo, em busca de intrusos e de atos de sabotagem ou depredação. A inspeção de áreas e instalações, também, pode ser atribuída às patrulhas internas. Seu efetivo pode ser de dois homens ou de uma dupla cinotécnica.

**3.2.4.3.2** Patrulhas perimetrais têm a finalidade de checar a integridade das barreiras perimetrais e dos sistemas de vigilância, fazer a ligação entre os postos de observação e reconhecer e vigiar as faixas de terreno, interna e externa, lindeiras às barreiras perimetrais, principalmente o terreno desenhado ao campo de observação das sentinelas ou dos meios eletrônicos de vigilância do perímetro. Seu efetivo pode ser de uma Esquadra de Combate (EsqCmb) / Esquadra de PA (EsqPA) a um Grupo de Combate (GCmb) ou Grupo de PA (GPA).

**3.2.4.3.3** As patrulhas externas requerem autorização expressa do escalão superior, coordenação com as demais Forças, órgãos e agências operando na região, bem como a identificação pela inteligência de que a força adversa tem capacidade de desencadear ações à distância contra a instalação protegida.

**3.2.4.3.4** As patrulhas externas devem abranger, principalmente, pontos dominantes que circundam a instalação, além de prováveis posições de tiro de armas de fogo indireto.

**3.2.4.3.5** As patrulhas externas requerem efetivo, equipamento e armamento que garantam a sua capacidade da autodefesa. De acordo com os fatores de decisão (MITTM-P: Missão,

Inimigo, Terreno e Condições Meteorológicas, Tempo disponível, Meios disponíveis e População), essas patrulhas não devem ser menores do que um GCmb/GPA.

**3.2.4.3.6** Os itinerários das patrulhas devem ser modificados com frequência para dificultar a ação das forças adversas.

#### **3.2.4.4 Força de Pronto Resposta**

**3.2.4.4.1** A FPR deve ter a capacidade de se deslocar com rapidez, para qualquer ponto da instalação protegida ou da sua área de responsabilidade, em condições de intervir contra possíveis ações da força adversa. Seu tamanho depende das prováveis ameaças: EsqCmb/EsqPA, GCmb/GPA ou, até pelotão.

**3.2.4.4.2** É importante que tenha grande mobilidade tática, plena capacidade de comando e controle (interna e com o escalão superior), adequada capacidade de aquisição de alvos, poder de letalidade e proteção balística.

**3.2.4.4.3** Em operações de não guerra, a FPR deve dispor de equipamentos, armamento e munição não letal e, conforme a situação, deve ter capacidade de conduzir operações de controle de distúrbios.

**3.2.4.4.4** A FPR deve ficar estacionada em local protegido das vistas e ações da força adversa. Diferentes estados de alerta são utilizados para que a FPR esteja em condições de atender aos acionamentos no tempo necessário.

**3.2.4.4.5** Diante do desencadeamento de ações hostis contra as instalações protegidas, ou na iminência deste, a FPR poderá ser empregada para reforço da segurança de pontos críticos no interior da instalação, para a defesa do perímetro e para a condução de patrulhas de combate.

**3.2.4.4.6** A FPR pode ser dedicada a uma determinada IEC ou constituída para atender várias IEC em um determinado espaço geográfico. O exame de situação no nível do comando de emprego ativado indicará a melhor opção.

**3.2.4.4.7** Um eficiente sistema de alarme deve ser definido. Quando a instalação já o possuir, esse deve ser integrado ao esquema de segurança e defesa.

**3.2.4.4.8** O posto de comando da operação é encarregado de monitorar a situação de emergência que gerou o alarme, passar a situação ao Comandante da FPR e vetorar a FPR para a melhor abordagem do local da emergência.

**3.2.4.4.9** Deve-se ensaiar o emprego da FPR, mediante os alarmes, em áreas identificadas no planejamento como críticas ou vulneráveis.

#### **3.2.5 DESATIVAÇÃO**

**3.2.5.1** Recebida a ordem para desativação do PSE, o comandante do PSE deve informar ao responsável pela instalação protegida que recebeu a ordem de desativar o PSE e agradecer a colaboração de todos.

**3.2.5.2** Todo o material e equipamento instalado para a operação do PSE e detritos produzidos pela tropa devem ser recolhidos e levados de volta à organização militar de origem, salvo determinação em contrário.

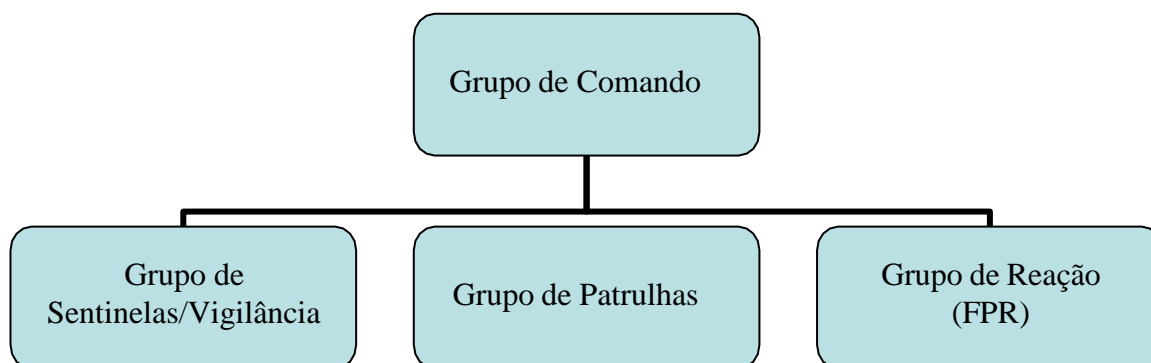
**3.2.5.3** O material, equipamentos e a tropa devem ser concentrados em um ponto de reunião (P Reu), para posterior embarque e partida. O P Reu deve dispor de segurança 360°.

**3.2.5.4** O planejamento e execução do deslocamento de retorno à organização militar de origem devem obedecer aos mesmos parâmetros do deslocamento para o local do PSE.

### **3.3 ORGANIZAÇÃO**

**3.3.1** O valor da tropa empregada para mobiliar o PSE dependerá da importância, complexidade e dimensão da instalação a ser protegida. Normalmente, o efetivo para o estabelecimento de um PSE é de, no mínimo, um Pelotão, se for desejado garantir a segurança da instalação com relativa autonomia. Em situações em que existam pequenas instalações dispersas, quando a FPR atenda às várias instalações e o patrulhamento na área externa da instalação não for encargo do PSE, o valor do PSE pode ser de um GCmb/GPA ou de uma EsqCmb/EsqPA.

**3.3.2** Para fins de organização, a força militar conduzindo o PSE pode ser organizada em grupos com missões definidas, obedecendo a seguinte organização básica:



**Figura 1 - Organização Básica de um PSE.**

### **3.4 APOIO À OPERAÇÃO**

O lançamento de barreiras e a construção de fortificações devem ser providos por equipes especializadas de engenharia. Em situações extremas, dispondo de instrução, meios e tempo, a tropa de infantaria da aeronáutica poderá ser empregada no lançamento de barreiras e na construção de fortificações, mediante orientação de pessoal especializado de engenharia.

### **3.5 MATERIAL A SER UTILIZADO NO PSE**

**3.5.1** O Comandante do PSE deve buscar a melhor configuração, de acordo com a sua missão, força adversa, terreno e condições meteorológicas, tempo e meios disponíveis e aspectos da população local, para conduzir a operação. Segue-se uma sugestão de materiais para mobiliar um PSE do valor pelotão.

## 3.5.2 MATERIAL PARA OPERAÇÃO DO PSE

Tabela 1

DESCRIÇÃO DO MATERIAL	EMPREGO	QTD
Apito de trânsito.	Controle de acesso à instalação.	01 pormilitar
Barreira plástica para canalização de fluxo de veículos (altura = 55 cm).		10
Bloqueador anti-fuga (dilacerador de pneus).		02
Cadeira universitária (com apoio para escrita).		04
Câmera fotográfica digital c/ cabos conectores.	Credenciamento do pessoal.	01
Canetas esferográficas.	Controle de acesso à instalação.	10
Cavaletes para as placas.		12
Colete reflexivo.		10
Computador portátil robustecido.	Comando e controle e serviços administrativos.	01

Tabela 2

DESCRIÇÃO DO MATERIAL	EMPREGO	QTD
Cone barril (altura = 1,23 m).	Controle de acesso à instalação.	10
Cone de Trânsito (altura = 72 cm).		30
Detector de metais portátil.		02
Envelope plástico com presilha para crachá.	Credenciamento do pessoal.	100
Espelho para inspeção de veículos.	Controle de acesso à instalação.	02
Formulários para controle de acesso.		
Impressora multifuncional laser colorida com cartuchos de toner extras.	Impressão de crachás, listas de acesso, formulários de controle de acesso.	01
Lanterna ou bastão sinalizador.	Controle de acesso à instalação.	04
Lanterna para inspeção noturna.		04
Motocicleta trail ou quadriciclo (se for o caso).	Patrulhas externas.	02
Smartphones, tablets e leitores de crachá (rfid, código de barra ou QR.)	Controle de acesso à instalação.	02
Pastas para arquivo dos formulários de controle de acesso.		

Placa indicativa de limite de velocidade de 20 km/h (diâmetro = 60 cm), com suporte.		02
Placa indicativa de limite de velocidade de 60 km/h (diâmetro = 60 cm), com suporte.		02
Placa com a inscrição “ÁREA RESTRITA - POSTO DE IDENTIFICAÇÃO - ACESSO PERMITIDO SOMENTE A PESSOAS AUTORIZADAS”, com cavalete,		02
Placa com a inscrição “FORÇA AÉREA BRASILEIRA EM OPERAÇÃO”, com suporte.		02
Placa com a inscrição “PARE - DESLIGUE O MOTOR - DESLIGUE OS FARÓIS - FIQUE NO INTERIOR DO VEÍCULO - ACENDA AS LUZES INTERNAS - IDENTIFIQUE-SE QUANDO SOLICITADO”, com cavalete.		02
Placa com a inscrição “REDUZA A VELOCIDADE”, com suporte.		02
Prancheta.		04

Tabela 3

DESCRIÇÃO DO MATERIAL	EMPREGO	QTD
Rádio transceptor fixo ou <i>manpac</i> HF, com a respectiva antena.	Comunicação com o escalão superior.	01
Rádio transceptor tipo <i>handheld</i> VHF ou UHF, com baterias extras e carregadores.	Comunicação interna do PSE.	10
Resma de papel A-4.	Impressão de crachás, listas de acesso, formulários de controle de acesso.	03
Scanner de Raio-X portátil.	Controle de acesso à instalação.	01
Sirene elétrica.	Sistema de alarme.	01
Torre de iluminação rebocável/montável.	Iluminação do perímetro e/ou dos pontos críticos.	05
Caminhão Tropa 5ton (se for o caso).	Mobilidade da FPR.	01
Viatura ¾ ton, de 04 portas, com tração 4 x 4 (se for o caso).		01
Cães de faro de explosivo, entorpecentes e de guarda	Controle de acesso, patrulhas e reação	02

O equipamento individual de campanha, equipamento individual de proteção em combate, equipamento de aquisição de alvos (binóculo, OVN etc.), armamento e munição individual serão os de dotação da tropa.

### 3.5.3 MATERIAL DE INTENDÊNCIA

Na falta de possibilidade de suporte pelo operador da instalação protegida, deverá ser provido o apoio de intendência, constituído, no mínimo, pelos materiais a seguir:

**Tabela 4**

DESCRIÇÃO DO MATERIAL	EMPREGO	QTD
Água baldeável (ressuprimento em 72h).	Higiene corporal e de roupas dos integrantes do PSE.	120litros / homem / 3 dias
Água potável (ressuprimento em 72h).	Hidratação, higiene bucal e cozimento de alimentos dos integrantes do PSE.	90litros / homem / 3 dias
Banheiro químico individual.	Uso pelos integrantes do PSE.	03
Barraca para 10 homens.	Alojamento dos integrantes do PSE.	04
	Posto de Comando e Corpo da Guarda do PSE.	01
	Revista de homens e mulheres (se for o caso).	02

**Tabela 5**

DESCRIÇÃO DO MATERIAL	EMPREGO	QTD
Grupo Gerador de 3,3 KVA.	Iluminação de proteção.	01
Lavabo e chuveiro individual.	Higiene dos integrantes do PSE.	03
Ração operacional 24h (ressuprimento em 72h).	Alimentação dos integrantes do PSE.	96

### 3.5.4 MATERIAL DE ENGENHARIA

Na falta de possibilidade de suporte pelo operador da instalação protegida, deverá ser provido o apoio de engenharia, constituído, no mínimo, pelos seguintes materiais:

**Tabela 6**

DESCRIÇÃO DO MATERIAL	EMPREGO	QTD
Rolo de concertina de 40 espiras com diâmetro de 98 cm.	Barreira perimetral.	01 rolo de 10 m
Par de luvas de raspa para manejo da concertina.		06
Sacos de areia (60 x 32 x 15 cm) e lacres.	Construção de abrigos de meia parede para as sentinelas.	150/abrigo
Cobertura de abrigo (tenda).	Proteção das sentinelas contra o sol e a chuva.	01/abrigo
Ferramentas de parque (pá e enxada).	Enchimento dos sacos de areia.	02



#### **4DISPOSIÇÕES FINAIS**

**4.1** Os casos não previstos nesta publicação deverão ser submetidos à apreciação do Comandante de Preparo.

**4.2** As sugestões para aperfeiçoamento deste documento são estimuladas e deverão ser encaminhadas ao COMPREP.